
O Facebook e a ressignificação do aluno de escola pública na sociedade tecnológica

Elaine Pereira Daróz

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Resumo

A era digital vem provocando transformações antes inimagináveis em nossa sociedade e, assim, somos frequentemente interpelados à utilização das novas tecnologias. As redes sociais, e em especial o *Facebook*, figuram atualmente entre os sites com preferência entre os usuários da rede mundial de computadores. A Educação não está alheia a esta transformação e os computadores têm ultrapassado os muros escolares a fim de capacitar o educando a viver nessa nova era. Mas, afinal, quem são nossos alunos? Como lidam com essas tecnologias? A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, o presente trabalho objetivou analisar os efeitos de sentido que circulam acerca do *Facebook*, compreendido como um espaço aberto para uma (re)construção da identidade do aluno da escola pública no cenário tecnológico. Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, com entrevistas realizadas individualmente com quatro alunos de escola pública na cidade do Recife-PE, em que foram propostas perguntas semidiretivas sobre o tema proposto. A naturalização das tecnologias no nosso cotidiano faz reverberar sentidos que, regularizados ao longo dos tempos, são reproduzidos e produzem efeitos na constituição subjetiva. Quanto à utilização das redes sociais, o trabalho não apenas retoma a questão da identificação dos nativos digitais às tecnologias, como também nos aponta uma (re)constituição da identidade do aluno de escola pública na sociedade, em condições específicas de produção de seu discurso.

Palavras-chave: Análise de discurso, Era digital, Alunos, *Facebook*.

Abstract

The digital age has led to previously unimaginable changes in our society and thus are often challenged the use of new technologies. Social networks, especially Facebook, listed currently among the sites with preference among users of the World Wide Web Education is not oblivious to this transformation and has been changing in order to enable learners and teachers to live in this new was. But ultimately, who are our students? How do they deal with these technologies? This study aims to analyze the effects of meaning that circulate about Facebook, understood as an open space for a (re) construction of the identity of the student from the public school in the technological scenario. This is a qualitative research, in which were interviewed individually four students from public school in the city of Recife-PE, standing semi-directive questions according to the theme. Naturalization of technologies resound some sense that, regularized during the time, they are reproduced and produce effects in the subjective constitution. According to the use of technologies, this paper not only return to the question about the identification of digital natives to the technologies, as well show us (re)constitution of identity of the student of public school in the society, in specific conditions of production of his discourse.

Keywords: Discourse analysis, Digital age, Students, Facebook.

1. Introdução

Na aurora do século XXI, somos cotidianamente expostos, interpelados, ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Quer em atividades cotidianas, como pagar uma conta, inserir crédito no celular, quer nas diversas atividades profissionais, nos estudos; as tecnologias estão presentes em diversos segmentos da sociedade, em maior ou menor grau.

Embora tenha surgido na Inglaterra e nos Estados Unidos para fins militares, por volta de 1945, o computador adquiriu novas configurações e, assim, experimentou novas utilizações e atualizações, ampliando seu uso. As grandes máquinas de calcular, frágeis e isoladas em salas refrigeradas, pouco a pouco perderam seu caráter exclusivamente técnico e ganharam nova dimensão e projeção sociais. O computador tornou-se uma das ferramentas que mais se faz presente na vida profissional, no aperfeiçoamento do conhecimento e no cotidiano, facilitando a realização de tarefas diárias (PHILLIPSON, 1992).

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE¹, no período de 2009 a 2011, por meio do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem em Domicílios – o computador com internet destaca-se como o bem durável que teve o maior percentual de crescimento nos lares brasileiros. A seguir ficou o microcomputador. Em 2012, no entanto, de acordo com a pesquisa, a telefonia fixa com acesso à internet foi comercializada por aproximadamente 91% dos brasileiros (TELECO/PNAD, 2012). Da mesma forma, segundo a pesquisa², em 2010, cerca de 76,9% das empresas brasileiras, correspondendo a, aproximadamente, 2,8 milhões de empresas usaram Internet para fins de trabalho. Nesse cenário, inserir-se na sociedade tecnológica implica, sobretudo, estar afinado com as tecnologias e ser capaz de compreender uma variedade de

formas de comunicação.

De acordo com Damásio (2011), o advento da internet modificou, inclusive, a forma como o cérebro atua em nossas vidas. Os dispositivos tecnológicos disponíveis na rede digital de comunicação proporcionaram novas formas de leituras a partir de *hiperlinks* que possibilitam ao usuário um redirecionamento para outros textos e, assim, a autonomia na escolha das informações que mais satisfaçam as suas necessidades.

Corroborando essa visão, Kleiman;Vieira (2006, p. 9) afirmam que

[...] o computador oferece-nos novos modelos de mente e um novo meio no qual projeta nossas ideias e fantasias. Mais recentemente, o computador tem se tornado mais do que uma ferramenta e um espelho: nós estamos aprendendo a viver em mundo virtual. Nós podemos descobrimo-nos sozinhos como se navegássemos em oceanos virtuais.

A virtualização promove uma desterritorialização não só de dados e informações, como também de pessoas, possibilitando ao sujeito um caráter libertário/libertador. O espaço virtual, assim, produz efeitos não só nas práticas sociais, uma vez que emerge no seio de uma sociedade disposta em comunidades virtuais, como também nas práticas discursivas dos sujeitos (GRIGOLETTO, 2011) e sua(s) forma(s) de significar no mundo e na sua relação com o outro na e pela linguagem.

Atualmente, inúmeros discursos sobre as tecnologias circulam na sociedade, mas, em geral, apresentam o espaço virtual como um espaço homogêneo de busca e troca de conhecimentos. Compreendemos, a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, que este é um efeito de evidência, uma ilusão de homogeneidade lógica própria do sujeito pragmático³ na sua necessidade de um mundo semanticamente estabilizado (PÊCHEUX, 1990),

¹ Fonte disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shts>. Acesso em 06 jul. 2014

² Fonte disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2292> Acesso em 6 jul. 2014

³ De acordo com Pêcheux, o sujeito pragmático é compreendido como “simples particulares face às urgências da vida”, isto é, na sua individualidade e necessidade de uma univocidade/homogeneidade lógica que relacionada diretamente com a sua realidade imediata (1990, p. 33 *apud* DELA-SILVA, 2003).

resultante do assujeitamento do sujeito à interpelação da ideologia dominante (ALTHUSSER, 1992).

Na consideração de que as condições históricas e ideológicas de produção do discurso são fundamentais para a compreensão do sujeito no seu tempo (ORLANDI, 2003), compreendemos que a Internet desde a sua criação, é constituída por um espaço heterogêneo em que se entrelaçam o econômico, o político, o social. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar os efeitos de sentido que circulam nos discursos dos alunos de escola pública no *Facebook*, compreendido como um espaço aberto para uma (re)significação desses alunos na sociedade.

Para tal empreendimento, compreende-se que o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por seus seguidores, fornecerá subsídios para alcançar êxito na proposta, em especial no que concerne à compreensão de um sujeito heterogêneo, e o discurso como “efeito de sentidos”, tendo em vista os dispositivos que inscrevem possibilidades de se analisar de diferentes formas o discurso do sujeito a partir das condições de produção do seu discurso.

2. O percurso teórico

Ao estabelecer o quadro epistemológico da Análise de Discurso de linha francesa, Pêcheux não é alheio a alguns conceitos da Psicanálise e, em especial, à concepção lacaniana de um sujeito afetado pelo inconsciente e banhado de linguagem, constituindo o ponto nodal da disciplina. A descoberta do inconsciente por Freud, e em especial a relação entre linguagem e inconsciente por Lacan (1999), são de suma importância na compreensão de um sujeito clivado entre os pólos do consciente e inconsciente e, assim, um sujeito heterogêneo.

Na consideração desse sujeito psicanalítico, Authier-Revuz (1982, p.136) “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente”. Em contrapartida à suposta univocidade discursiva de um sujeito cognoscente e dono de um sentido único, o sujeito é, antes, assujeitado à língua, em seu trabalho

simbólico. Nesse ponto, afastamo-nos de uma concepção de língua como instrumento de comunicação, uma vez compreendida na Análise de discurso como elemento constitutivo do sujeito, não existindo numa posição exterior a ela.

Ao acionar tais conceitos, Pêcheux (1969), extrapola a análise superficial da língua com vistas às marcas linguísticas por si mesmas – fonema, léxico, sentença, e introduz o discurso, e o sujeito, como objeto de análise, inaugurando uma teoria não-subjetiva da subjetividade – não numa perspectiva transcendentalista, mas a que nos remete à heterogeneidade constitutiva do sujeito. Nesse ponto, a Análise de discurso de linha francesa, bem como os campos com os quais dialoga, pode contribuir para uma reflexão acerca do lugar da língua na constituição dos sujeitos e dos discursos.

Numa abordagem discursiva, o fenômeno da linguagem situa-se na instância do discurso, isto é, no ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos. Segundo Orlandi (2003, p.32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Sendo assim, a língua(gem) é constitutivamente heterogênea e, concebida como lugar privilegiado de manifestação da ideologia, devendo ser compreendida na sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. A língua, por sua vez, é concebida como um vetor para a materialização da ideologia, por processos de incorporação-dissimulação dos sentidos regularizados ao longo dos tempos. Nesses termos, a língua(gem) na Análise de Discurso de linha francesa não é compreendida como um ponto de concordância entre os sujeitos, mas, antes, um lugar de embate entre sujeito e sentido.

Tendo como uma de suas bases no materialismo histórico althusseriano, a Análise de discurso considera, ainda, a forma como a ideologia se materializa na linguagem. Segundo Pêcheux (2010), o sujeito é interpelado pela ideologia, desde sempre, para produzir o seu dizer. Para o autor (op.cit., p. 254), “os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas

formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Há, assim, uma relação intrínseca entre linguagem e ideologia, na medida em que ela se materializa na linguagem por meio dos discursos. A relação entre língua e sujeito, por sua vez, jamais é inocente uma vez que todos os discursos são ideológicos e lidam com possibilidades inscritas historicamente.

Ainda de acordo com o autor (PÊCHEUX, 2010) a ideologia é a responsável por orientar o sujeito de acordo com as “regras” presentes na sociedade, a ideologia, assim, não é abstrata nem tampouco neutra, uma vez que opera no sujeito os efeitos de evidência – não a um nível plenamente consciente num ato de resignação, mas, antes, num processo inconsciente de submissão – proporciona-lhe a ilusão de um mundo semanticamente estabilizado.

Ao estabelecer seu quadro teórico, e reconhecendo a relativa autonomia da língua na compreensão de sua ordem própria, Pêcheux ocupa-se do discurso, compreendido na interseção do linguístico, do histórico e do ideológico a partir da concepção de sujeito constituído pela linguagem sob a forma de discurso. Assim, o discurso não é uma entidade fechada em si mesma, com sentidos prontos *a priori*, mas concebido como uma unidade complexa de significação, afetada pelas suas condições de realização. Concebido como um efeito de sentido, que se realiza na articulação entre o sujeito, língua e ideologia, o discurso é o lugar do trabalho da linguagem, a partir do trabalho simbólico no jogo de sentidos, uma vez que se relaciona com outros textos, com suas condições de produção, a saber, as situações em que os sujeitos do discurso estão envolvidos, e com o interdiscurso.

Segundo Orlandi (2003), é a dinâmica das condições de produção que possibilita os diferentes tipos de discurso, concernentes à relação entre os interlocutores e o referente, nas suas condições de produção. As práticas discursivas, os sujeitos e sua linguagem, por sua vez, têm suas formas engendradas segundo as condições de produção específicas de cada tempo e espaço, de acordo com as condições sócio-históricas e ideologia vigentes e, correlacionados com a história, são suscetíveis de tornarem-se outros.

Visto que todos os discursos são ideológicos, considera-se que ao dizer, o sujeito não opera uma “transmissão de informação”, mas, sobretudo, o que se tem são os efeitos de sentidos produzidos por locutor e interlocutor, intrinsecamente ligados à posição em que os sujeitos da comunicação ocupam, bem como as condições de produção desse discurso, a saber, as situações e os sujeitos envolvidos no discurso.

Sob essa perspectiva centra-se o presente trabalho, debruçando-se, sobretudo, no discurso, compreendido como efeito de sentidos entre seus interlocutores (PÊCHEUX, 2000), e na concepção de um sujeito, afetado pelo inconsciente e atravessado pela história e ideologia, que não plenamente controle dos sentidos que circulam no seu discurso.

Nesse ponto, vale ressaltar que esta é uma pesquisa qualitativa, realizada com quatro alunos de escola pública da cidade do Recife-PE, com perguntas semidiretivas, para que o participante tenha maior liberdade de se posicionar frente ao tema proposto, fornecendo maiores subsídios para o analista.

3. Um olhar discursivo sobre o aluno de escola pública e as tecnologias

Um dos principais pressupostos da Análise de discurso de linha francesa é o questionamento da obviedade, tomando em consideração a não-transparência do discurso e a opacidade da língua. Para melhor compreender a identificação dos alunos – e especificamente os alunos da rede pública acerca das tecnologias, bem como o papel do *Facebook* na ressignificação da(s) identidade(s) do aluno de escola pública na sociedade tecnológica, protagonizaram a pesquisa dois alunos do 6º ano e dois alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino da cidade do Recife, uma vez que possuem faixa etária entre 12 a 17 anos, e são compreendidos como nativos digitais.

Prensky (2004) denomina nativo digital a geração que nasceu e cresceu em meio à profusão de recursos tecnológicos. Sendo assim, possuem como uma das características a utilização, em larga escala, dos aparatos digitais. Mais que qualquer outra

geração de outrora, a acessibilidade a tais dispositivos faz toda a diferença nesta geração.

No que tange à acessibilidade ao computador, e internet, destaca-se que, embora sejam oriundos de família de baixa renda socioeconômica e beneficiários do Programa Bolsa Família⁴, todos os alunos entrevistados possuem acesso à rede mundial de computadores seja em ambiente doméstico, celular e/ou até mesmo em lojas *lan house*.

As perguntas que fizeram parte dessa investigação compreendem a acessibilidade dos alunos aos recursos tecnológicos bem como os efeitos de sentido que circulam no discurso dos alunos a respeito de tais dispositivos⁵. São elas:

- 1) Você tem acesso à internet?
- 2) O acesso às tecnologias é importante na sua vida? Por quê?
- 3) Você já imaginou sua vida sem essas tecnologias? Como seria?
- 4) Você entra em redes sociais?
- 5) Você conhece, pessoalmente, os amigos da internet?

Foi realizado um encontro individual com os participantes da pesquisa, com entrevistas gravadas com equipamento de áudio, com o devido consentimento dos participantes, a fim de proporcionar à pesquisadora uma análise mais detalhada do objeto de estudo em questão. A coleta

de dados realizou-se a partir de recortes das seqüências discursivas (SD) extraídas das entrevistas, sendo, então, realizada uma análise do discurso na consideração de um sujeito heterogêneo, e o discurso como “efeito de sentidos”, tendo em vista os dispositivos que inscrevem possibilidades de se analisar de diferentes formas o discurso do sujeito, a saber: formações ideológicas, formações imaginárias, silenciamento e interdiscurso.

Vale dizer, ainda, que, compreendendo que a incompletude é constitutiva de toda filiação teórica, visto que o conhecimento é constantemente atualizado, o analista do discurso não busca uma verdade nem a ilusão de completude ao levantar seus questionamentos, mas, sobretudo, uma investigação pautada na sobredeterminação do sujeito do discurso aos processos sócio-ideológicos, na consideração da não-transparência da linguagem, e atravessado pelo inconsciente. Assim, a outra margem é, sobretudo, um gesto de interpretação dentre tantas outras leituras possíveis a partir de então; e nessa perspectiva será realizada a análise do discurso dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a saber, os alunos da rede pública da cidade do Recife.

Na Análise de Discurso, a ideologia ocupa papel preponderante na constituição dos sentidos, uma vez que, ancorando-se no “já-dito” – compreendido como o interdiscurso – e apagando a história, os sentidos vão sendo assimilados no intradiscurso a partir da apropriação do dizer, e se instauram na sociedade por processo de interpelação-identificação-desidentificação de saberes construídos historicamente.

De acordo com Indursky (2001), a atualização/regularização dos discursos ocorre a partir de uma teia sócio-histórica-ideológica pela identificação do sujeito com determinado saber, reproduzindo os sentidos a ele inerentes; pela contraidentificação do sujeito a determinado saber com algum sentido regularizado, na medida em que o sujeito confronta determinados sentidos ali estabilizados; ou, até mesmo, pela desidentificação do sujeito a determinado saber, passando a identificar-se com outros sentidos inerentes a um outro saber.

Tal processo interpelatório pode ser observado no discurso dos participantes, quando indagados acerca da importância do computador na vida dos

⁴ O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza, com renda mensal por pessoa de R\$ 70 a R\$ 140, e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70,00, respaldado pela Lei nº 10.836, de 09 de janeiro de 2004; e decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004. De acordo com a revisão cadastral de 2012, 136 mil famílias são assistidas com esse benefício na cidade do Recife. No estado de Pernambuco, esse número totaliza o número aproximado de 1.139.185 famílias beneficiadas. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/prefeitura-do-recife-realiza-recadastramento-do-bolsa-familia>. Acesso em 6 jul. 2014. <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2012/maio/bolsa-familia-inclui-novos-beneficiarios-em-maio>. Acesso em 6 jul 2014.

⁵ Nesse ponto cabe ressaltar que, embora não se tenha mencionado *Facebook*, durante a entrevista esta foi a rede social mencionada pelos alunos como suporte para comunicação virtual em redes sociais.

alunos, sendo possível observar uma identificação dos alunos à utilização das tecnologias como parte do seu cotidiano. Observe:

SD1: “É, porque entro no *Facebook*, faço pesquisas de escola, pesquisa de besteira também, vídeos engraçados”.

SD2: “Ia ser horrível, porque a gente não teria acesso a coisas, a ligações, a jogos, não ia entrar no face; não ia ter nada pra fazer”.

SD3: “A net é muito importante, não consigo viver sem ela, sem a net a gente não é nada.”

SD4: “O que seria da minha vida sem internet? Seria morgada, ia viver dormindo. A internet faz bem pra pessoa.”

No cenário tecnológico, somos impelidos à utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). A partir das SD, podemos observar que a identificação dos alunos ao uso às TIC's, e, afetados pelo efeito de evidência provocado pela ideologia (PÊCHEUX, 2010) acerca da utilização das tecnologias, não concebem – ao menos não a contento – possibilidades de sua não utilização. Para os participantes, os recursos tecnológicos, comumente associados à utilização da internet, são fundamentais para sua inserção no mundo “globalizado”.

A profusão dos aparatos digitais tem provocado no sujeito o efeito de naturalização das tecnologias e, até mesmo, uma exacerbação de sua utilização. Mas a que se deve tamanha relevância da utilização dos recursos digitais, sobretudo relacionadas à acessibilidade à internet, na vida dos alunos?

Segundo Lévy (1996), o espaço virtual – compreendido como ciberespaço – é um ambiente disposto como “mercados da informação” onde as pessoas, a partir de ambientes comuns, se encontram e investigam o que lhe interessar. De acordo com o autor, no processo de virtualização ocorre uma espécie de “desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinário e da temporalidade do relógio e do calendário” (op. cit., p.21).

Tais efeitos podem ser observados a partir das

SD extraídas do discurso dos participantes. Para os participantes, a utilização das TIC's está comumente associada às redes sociais, quando indagados a respeito da frequência dos participantes em redes sociais, a maioria dos participantes confirmou presença assídua nesses *sites* de relacionamentos, relatando que:

SD2: “No Facebook pra conversar com amigos, postar fotos. Tiro foto, converso no Facebook como se todo mundo estivesse numa sala sozinho. É o jeito de falar sem timidez. Ex: se uma pessoa ta do seu lado, e tem uma coisa com emoção, a pessoa no Facebook não vai perceber. E isso é bom. Se eu falar uma coisa que você não vai gostar e querer dar em mim, no Facebook ela não vai poder”.

SD3: “Pela internet converso com minha mãe que está na Espanha, meus irmãos, tenho amigos no *face*...”

SD4: “É uma forma de ser outra pessoa que você inventa. Pode ser brava, legal, tanto faz...depende com quem você está falando.”

A partir das SD, observamos que, embora não tenha sido mencionado nenhum *site* de relacionamento especificamente, a maioria dos alunos mencionou *Facebook*. Criado por alunos da Universidade de Harvard e expandido para universidades de Boston, EUA (KIRKPATRICK, 2011). Saindo dos bancos universitários, o *Facebook* ganhou projeção mundial e, atualmente, figura entre as redes sociais de maior popularidade atingindo, em 2012, a marca de um bilhão de usuários ativos⁶ e, no Brasil, conta com a preferência de aproximadamente 65% dos brasileiros (SERASA, 2013).

Tomando por base que não existe sujeito sem ideologia, nem tampouco um discurso neutro, as ideologias, manifestas nas formações discursivas, estão sempre presentes nas formações ideológicas a partir das quais o sujeito se filia para produzir o seu

⁶ Fonte disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>. Acesso em 6 jul 2014.

dizer, e correspondem às práticas sociais (PÊCHEUX, 2010). Levando em consideração a opacidade da língua, sua ordem própria, a Análise de Discurso questiona a obviedade e ocupa-se, sobretudo, do discurso, compreendido como o lugar pelo qual se encerram as diferentes formas de o sujeito se relacionar com as posições que ele desempenha na sociedade, e a forma pela qual ele se significa. Nesses termos, as imagens estão diretamente relacionadas ao conceito de condições de produção, uma vez que remetem a lugares pré-estabelecidos na estrutura de uma formação social em que estão presentes as relações de força, representadas por regras de projeção, intrinsecamente ligadas às formações imaginárias, produzindo imagens tanto dos sujeitos envolvidos no discurso – a imagem do interlocutor e, ainda, a imagem que o interlocutor faz do locutor – quanto do objeto do discurso (PÊCHEUX, 1969).

Sendo assim, compreendemos que, no jogo imaginário inerente a todo discurso, e expresso nas SD extraídas do discurso dos participantes, para os alunos, o mundo virtual exerce grande fascinação, e o *Facebook*, por sua vez, é concebido não só como um espaço para troca e compartilhamento de mensagens, mas, sendo um *site* de visibilidade mundial, podemos compreender que, para os participantes, se apresenta como um espaço aberto para um mundo diverso do seu, o lugar propício para uma reconfiguração do seu espaço físico-geográfico, abrindo espaço para novas possibilidades a partir do processo de virtualização.

Para Grigoletto (2011), no processo de virtualização, a passagem do empírico para o discursivo não ocorre de forma neutra e está atravessada por um novo modo de discursivizar, de se inscrever no discursivo qual seja: as determinações sócio-históricas e ideológicas decorrentes da emersão da rede na sociedade. Segundo a autora (op. cit., p.51), “o virtual, representado, sobretudo, pelo surgimento da internet, emerge no seio de uma determinada formação social, historicamente situada, produzindo efeitos imediatos não só nas práticas discursivas, mas também nas práticas sociais”. Sendo assim, a era digital trouxe ao homem o acesso a um novo espaço comunicacional, conferindo um caráter libertário/libertador à comunicação, possibilitando

admirar a presença virtual do humano frente a si mesmo, não pela imposição da unidade de sentido, mas por uma re(significação) do seu espaço no social.

Tal pensamento pode ser observado no discurso dos alunos, ao serem questionados se eles conhecem, pessoalmente, os amigos da internet, em sua maioria afirmam que não, justificando, e relatam experiências vivenciadas nas redes sociais:

SD1: “Já **botei uma foto do Neymar** e isso é legal, porque **as pessoas me tratavam de outro jeito.**”

SD1: “Entro pra conversar, contar coisas, postar fotos. **É uma forma de ser outra pessoa que você inventa.** Pode ser legal, brava...depende de quem você ta falando”.

SD4: “Às vezes pela net a pessoa é legal, e pessoalmente é grosso. **Escondido atrás do pc é diferente.** Tirando eu não ser tímida na net, sou eu mesma.”

Ainda pela noção de formações imaginárias, entendemos que, ao falar, o sujeito se antecipa ao seu interlocutor, e/ou ao objeto do discurso, o que faz com que ele experimente o lugar de escuta do seu interlocutor e, assim, formule o seu discurso, visando seus efeitos sobre esse interlocutor (ORLANDI, 2003). Assim, inerente a todo o discurso, o mecanismo de antecipação está diretamente relacionado à posição dos sujeitos e opera de forma determinante no discurso.

A partir das expressões “ser outra pessoa que você inventa”, “[...] botei uma foto do Neymar[...] pessoas me tratavam de outro jeito”, e, ainda, “escondido atrás do pc”, compreende-se que, no imaginário do aluno, o mundo virtual é compreendido como um lugar em que se “pode ser outra pessoa”. Ao se inscreverem em um outro espaço discursivo, com um conjuntura sócio-histórica-ideológica diversa da sua conjuntura atual, os alunos silenciam alguns sentidos para, pela virtualização, se re(significar) na sociedade. Tal pensamento pode ser observado, ainda, em que é

realçada a antítese no discurso dos alunos⁷.

SD2: “Eu não falo onde moro, não conheço pessoas da net no mundo real. Se me perguntam, eu saio.”

SD3: “Eu não moro na favela, eu falo onde moro, falo tudinho.”

Nas SD acima é possível perceber o silenciamento de alguns sentidos em detrimento de outros, a partir das expressões “Eu não falo onde moro” e “não moro na favela [...] falo onde moro”.

De acordo com Orlandi (2010), ao dizer, o sujeito o faz a partir de uma escolha das palavras e, assim, ao falar, sentidos outros são silenciados. Nesse ponto, assim como o falar é constitutivo do discurso, o silenciar igualmente o é. Assim como a linguagem estabiliza o movimento dos sentidos, o silenciamento, por sua vez, é concebido como o lugar pelo qual sujeito e sentido se constituem. O silêncio é compreendido, ainda, pelo apagamento, necessário, de outras palavras, àquilo que é proibido em uma determinada conjuntura. Nesses termos, a relação do sujeito com a língua é, antes, uma relação entre dizer e não dizer, estando esses intrinsecamente relacionados.

A partir dessas considerações, compreende-se que ao silenciar que mora na favela, SD2 silencia sentidos referentes à sua condição econômica e, ainda, sua posição social, regularizados na sociedade, em virtude de possibilidades outras ali autorizadas pelo espaço virtual. Ao fazer distinção entre “net” e “mundo real”, observa-se que SD2 compreende o espaço virtual como um lugar à parte, diferente do mundo em que vive, que se abre para possibilidades de se reconfiguração do seu espaço na sociedade por meio de uma reconstrução da sua posição social.

Por outro lado, SD3 afirma que diz onde mora porque não é morador da favela. Ao dizê-lo, compreende-se que, por processos parafrásticos constitutivos de todo discurso (ORLANDI, 2003), SD3 reproduz esses sentidos estabilizados na sociedade acerca da favela e seus moradores. Nesse

ponto, morar na favela, ou não, traz sobre o aluno uma posição e, por conseguinte, sobredeterminação histórico-ideológica na sociedade.

As análises apresentadas nos permitiram algumas considerações, na compreensão de que essas são, enfim, um efeito de conclusão.

4. Palavras finais

Na contemporaneidade, a profusão dos recursos tecnológicos ampliou os limites da comunicação, provocando transformações em nossa sociedade, alterando não só as formas de saber e fazer, mas, em especial, de ser e conviver, o modo de agir e pensar. Vivemos o efeito de naturalização dessas tecnologias e, sobretudo, uma exacerbação da utilização desses recursos.

De acordo com Orlandi (2003), a transformação no poder das instituições sociais acompanha uma transferência de poder entre enunciados correlacionados com a história e, assim, suscetíveis de tornarem-se outros. As práticas discursivas, os sujeitos e sua linguagem, por sua vez, têm suas formas engendradas segundo as condições de produção específicas de cada tempo e espaço, de acordo com as condições sócio-históricas e ideologia vigentes.

A partir das análises apresentadas, foi possível observar uma identificação dos participantes da pesquisa acerca da utilização das TIC's, a importância da internet, em especial as redes sociais, na vida dos alunos se apresenta como forma de inserção no mundo dito globalizado. Dentre as redes sociais, o *Facebook*, um dos sites de relacionamento com maior visibilidade mundial, surge sendo o único mencionado na entrevista.

Ainda na consideração das SD analisadas, compreende-se que, mais que um espaço para compartilhar mensagens, o aluno da escola pública compreende o *Facebook* não apenas para ampliar sua rede de relacionamentos e inserir-se no cenário tecnológico, mas um veículo para práticas discursivas. Ao silenciar sentidos regularizados na sociedade acerca da sua condição e posição social, em detrimento das possibilidades advindas do mundo virtual de “escondido atrás do PC poder ser outra pessoa”, o *Facebook* se configura, ainda, um ambiente propício não só para uma reconfiguração

⁷ Considerando que SD2, é morador da comunidade Brasília Teimosa, e SD3, morador do bairro popular Joana Bezerra, ambos na cidade do Recife-PE.

do seu espaço-geográfico, mas, sobretudo, para uma reconstrução da(s) sua(s) identidade(s) e, assim, uma (re)significação da sua posição na sociedade.

Embora sejam encontrados trabalhos acerca dos efeitos da utilização das TIC's em diversos setores da sociedade, compreende-se que com o crescente aperfeiçoamento das tecnologias abre possibilidades para inúmeras discussões sobre esses efeitos sobre os sujeitos envolvidos nesse processo. E, assim, mais do que uma exacerbação do uso dos recursos tecnológicos, é preciso conferir à era digital um olhar humanístico a fim de valorizar o homem, levando em conta sua pluralidade e a relação com o "outro" - sejam as mídias, sejam sujeitos inseridos no cenário tecnológico.

Sendo a incompletude a condição de toda filiação, o analista do discurso não busca uma verdade nem a ilusão de completude ao levantar seus questionamentos, mas busca uma investigação pautada na sobredeterminação do sujeito do discurso aos processos sócio-ideológicos, na consideração da não-transparência da linguagem, e atravessado pelo inconsciente. Nesse sentido caminhou o presente trabalho. E, sendo assim, vale ressaltar que as análises não pressupõem uma verdade, mas se apresentam como um gesto de interpretação da analista, abrindo caminhos para outras leituras possíveis.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *Revue de Linguistique*, Grenoble, n.26, p. 91-136, 1982.
- DAMÁSIO, A. A internet faz mal ao cérebro? *Revista Época*, São Paulo, n. 702, 2011.
- DELA-SILVA, S. *Pêcheux e a plurivocidade dos sentidos*. In: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 2003, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/SilmaraCristinaDelaSilva.pdf>. Acesso em 30 jul 2014.
- FACEBOOK mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 4 out. 2012. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios>. Acesso em 6 jul. 2014.
- GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.S.; SCHONS, C.R. *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: EDUFPE, 2011.
- INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNESTO-PEREIRA, A.; FUNCK, B.S. (Orgs). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro, 2009.
- KIRKPATRICK, D.T. *O efeito facebook: Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- KLEIMAN, A. B.; VIEIRA, J. A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação (Internet). In: MAGALHÃES, I; CORACINI, M. J. F.; GRIGOLETTO, M. *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- LACAN, J. *O seminário livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2010.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2010.
- _____. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

PHILLIPSON, R. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE. Prefeitura do Recife realiza recadastramento do Bolsa Família, 2012. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/prefeitura-do-recife-realiza-recadastramento-do-bolsa-familia>. Acesso em 6 jul. 2014.

PRENSKY, M. *The emerging online life of the digital native*. 2004. Disponível em http://www._of_the_Digital_Native-03.pdf. Acesso em 6 jul. 2014.

SERASA EXPERIAN. *Notícias*. São Paulo, 2013. Disponível em http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2013/noticia_01072.htm. Acesso em 6 jul. 2014.

TELECO INTELIGÊNCIA EM TELECOMUNICAÇÕES. *Estatísticas de Domicílios Brasileiros (IBGE- PNAD)*. São José dos Campos, 2012. Disponível em <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>. Acesso em 6 jul 2014.